



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XV nº 119, julho/agosto - 2023

60
Anos

EDMÍLSON, O PAI, ANO 100

Edmílson Caminha

Foram 19 os filhos postos no mundo pelo casal Ernestina (Neném) Sobreira e José Augusto Fiúza Caminha. Edmílson foi o sétimo, nascido em 11 de julho de 1923.

Tive, como primogênito, a honra de herdar-lhe não apenas o nome, mas o exemplo de retidão moral e de conduta ética com que o homenageio no ano do seu centenário. Para tanto, recorro aos “Apontamentos dos filhos e netos”, feitos em um livro, como os de ata, onde minha avó registrou nascimentos, batizados, casamentos e viagens ao longo de décadas. Cumpru admiravelmente o papel que exerceu o memorialista Pedro Nava: foi guardião da história da família, para que datas e acontecimentos não se perdessem na distância das gerações e na poeira do tempo.

Eram poucas, na Fortaleza provinciana das primeiras décadas do século XX, as opções para os rapazes da classe média, além da carreira militar e de emprego no Banco do Brasil. Lá se foi, assim, o jovem Edmílson para a Escola de Especialistas de Aeronáutica, em Guaratinguetá (SP), que o formou, aos 24 anos, mecânico de instrumentos de voo. Contava-nos do ônibus que levava os alunos, às 6 da manhã, para o campo em que praticavam esportes; pela janela, via os japoneses de enxada em punho a lavar a terra, sob um frio de doer os ossos. “Isso é que é povo, levanta-se de madrugada para a luta que só para com o pôr do sol!” Testemunho da admiração que passou a ser minha, pelos imigrantes vindos do Japão para aqui trabalhar e morrer, às vezes com mais dignidade do que muitos brasileiros.

Serviu nas bases aéreas de Belém e do Galeão, até casar-se, em 1951, com uma linda moça da cidade cearense de Aracati, Zilete, que desde criança todos chamavam Mosinha (de “mimosinha”, tão bonita era). Já na Base Aérea de Fortaleza, viu nascer o primeiro filho, a quem logo ensinou a reconhecer os aviões pelo ronco dos motores. Lembro-me de que me perguntava, ao ouvir o som que quebrava o silêncio da noite na vila militar: “Que avião é esse?” E eu, no verdor dos pri-

meiros anos, identificava o B-25, o B-26, o C-47, o T-6... Não errava um!

Em 1957, foi transferido para a Base Aérea de Parnamirim, em Natal, onde, até 1963, vivi uma infância feliz com os quatro irmãos que completaram a família. Construída pelos Estados Unidos, chegou a ser, em 1944, a base americana mais movimentada do mundo, com decolagens e pousos de três em três minutos. Assisti aos primeiros filmes da vida no cinema “Navy”, dentro do quartel. Sei, por exemplo, que no dia 30 de março de 1962 estava em cartaz O filho do Conde de Monte Cristo; em 1º de abril, foi a vez de A rainha do circo, e “chovia torrencialmente”. Não que eu me lembre: tudo anotado no livro de vovó Neném, durante os dias em que trocava o Ceará pelo Rio Grande do Norte, para a alegria dos netos que a sabiam amorosa advogada de defesa...

O providente Edmílson tinha de estar na base às oito horas da manhã, mas acordava às cinco para fazer a barba: na pia do banheiro, o rádio portátil com as primeiras notícias e o cigarro aceso, dos oitenta que diariamente fumava, uma das razões, decerto, do problema cardiocirculatório que o mataria aos 60 anos. Vem daí o incômodo que o tabaco sempre me causou: na casa pequena, janelas fechadas e cheia de fumaça, despertava com dor de cabeça e náusea, o que me fez nunca pôr um cigarro na boca. Até os 50 anos, diga-se, quando me concedi o prazer de, vez por outra, degustar um Cohiba, Partagas, Romeo y Julieta, charutos cubanos de excelência...

Foram poucas as transferências do meu pai: de Natal voltou para Fortaleza, sem se deixar vencer pela tentação dos proventos em dobro para quem se dispusesse a servir na então recém-inaugurada Brasília. Preocupava-se com a educação dos cinco filhos pequenos, o que também o fez trabalhar em terra, não como tripulante das aeronaves cujos instrumentos às vezes apresentam defeito após a decolagem: era um mecânico que tinha medo de voar, para não deixar viúva a jovem Mosinha com seus meninos arteiros. Não sei como, com os poucos recursos de sargento,

proporcionou-nos escolas com o alto padrão do meu Ginásio 7 de Setembro e do Colégio Militar de Fortaleza, em que estudaram irmãos.

Cumpridor inflexível dos deveres militares, sempre se pôs ideologicamente à direita. Não concordou com a sugestão de mamãe para batizar o terceiro filho: “Luís Carlos não. Alguém poderá pensar que é uma homenagem a Prestes”. E meu querido e saudoso irmão recebeu o nome de Luiz Cláudio, menos comprometedor...

Adolescente, dei-me conta da distância política que nos separava, daí o “Edmílson Caminha Júnior” com que assinei minhas primeiras matérias no jornal O Povo, para que não o julgassem autor de artigos declaradamente contra a ditadura no auge da perseguição à esquerda. Com o falecimento dele em 1984, abandonei a extensão familiar indicativa da filiação de quem discordava, respeitosa mas enfaticamente, das posições ideológicas do Edmílson sênior, suboficial da Força Aérea Brasileira.

Ao saber-me filho de um mecânico de instrumentos de bordo, o romancista Oswaldo França Júnior, piloto de caça da FAB expulso como “comunista”, lembrou o dia em que, com colegas da Base Aérea de Canoas, recebera ordens para bombardear o palácio do governo gaúcho em Porto Alegre, onde Leonel Brizola defendia, pelos microfones da Rede da Legalidade, a posse de João Goulart como sucessor de Jânio Quadros, que renunciara à presidência da república. “Suboficiais e sargentos, com grandeza humana e coragem cívica, esvaziaram os pneus dos aviões e não nos deixaram decolar para um bombardeio que resultaria em tragédia, com muitos mortos e feridos”.

Aélio de Almeida, sargento acusado de subversão pelos golpistas de 1964, deu-me um depoimento que não esquecerei nunca:

Seu pai sabia do nosso grupo de “esquerdistas” na Base de Fortaleza, dos encontros secre-

EDMÍLSON, O PAI, ANO 100

Edmílson Caminha

tos nos hangares, antes ou depois do expediente. Foi convocado para depor nos inqueritos de caça às bruxas e não abriu a boca, nunca ouvira falar naquele tal “movimento dos sargentos”, não tinha conhecimento de nada, não citou nome de ninguém. Outros covardemente nos deduraram, caíram aos pés dos comandantes todo-poderosos. Seu pai agiu como um grande homem, solidário aos colegas de farda. Orgulhe-se dele.

Orgulho-me, sim, grato por lhe dever

um admirável exemplo e uma edificante lição: exemplo de grandeza humana, de força moral e de retidão ética, lição de temor a Deus, de generosidade fraterna e de amor ao próximo. No ano em que o homenagem pelo centenário do nascimento, peço, como Manuel Bandeira no “Poema de finados”, a quem lhe visitar o túmulo em que descansa, com sua amada Mo-sinha e os filhos Luiz Cláudio e Eduardo, no cemitério Parque da Paz, em Fortaleza:

*Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
o filho tem mais precisão.*

POEMAS DE NOÉLIA RIBEIRO

SOBRE OS OMBROS

Quando meus ombros
doem do peso de existir,
não consigo erguer os olhos
para contar estrelas.
Contento-me com as que
caem à minha frente
como sonhos banidos
do firmamento.

Minha casa
não tem janelas
em dias cinzentos.

ANCESTRAL

peixe cego no dendê
em companhia de arroz
e homens famélicos

garfo e faca nas mãos
alheias à memória azul
incólume sob escamas

Soneto do Mês

O INSEPULTO

Atílio Milano

Eu tenho um Cristo de marfim na sala,
Com tal arte esculpido no marfim,
Tão pálido, tão triste que me fala
Com os olhos, de uma dor que não tem fim:

– “Homem! a minha angústia não se iguala!

Eu trago tanto fel dentro de mim!
Sofri para remir-te e, nem assim,
Mereço o último alívio de uma vala!

E dei a vida para dar-te vida!
Tenho o corpo chagado, a alma ferida!...
A humanidade? Eu não pude salvá-la;

Morri por ela! E agora ainda por fim
Crucificam-me em cruces de marfim,
Entre as quatro paredes de uma sala!...”

(Seleção de Napoleão Valadares)

CANTIGAS LEVA-AS O VENTO

Florbela Espanca

A lembrança dos teus beijos
Inda na minh'alma existe.
Como um perfume perdido,
Nas folhas dum livro triste.

Perfume tão esquisito
E de tal suavidade,
Que mesmo desaparecido
Revive numa saudade!



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,
Edmílson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,
Kori Bolívia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 119 – julho/agosto 2023

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

PAPÉIS DE PROSA - MACHADO & MAIS: PARA ALÉM DA PROSA

Victorino Aguiar (*)

Venho de concluir a leitura de *Papéis de Prosa*. Não esperava menos do que encontrei, já sabedor do esmero, dedicação e amor com que Secchin se lança à feitura de seus textos. Difícil, não se apaixonar pelos textos dele, e partir para os mais rasgados elogios e a tietagem explícita. A obra é de leitura fácil, prazerosa e até divertida, fruto da originalíssima simbiose que ele promove entre os diferentes gêneros textuais.

Papéis de Prosa é organizado textualmente sobre quatro eixos: Machado; & Mais; Três discursos; e Entrevistas. No primeiro, Secchin analisa Machado de Assis sob três prismas: o demiurgo, o ser humano em si e o administrador. Para analisar o demiurgo, o ensaísta coloca sobre sua mesa de trabalho alguns dos mais significativos textos do bruxo do Cosme Velho; corta-os, dissecos, com concisão e precisão cirúrgica, o que revela conexões até então não percebidas, tanto na consideração individualizada de cada texto, quanto no cotejo que se faz entre eles, a começar pela relação entre o sobrenome de Bentinho – Santiago – e o personagem Iago, de Shakespeare. Eis a questão. Percebe-se bem a angústia do ensaísta diante dela. E surpreende a solução criativa e salomônica pela qual optou, de oferecer, de forma originalíssima, seu conto Carta ao Seixas, como uma réplica das posições apresentadas para essa questão.

O poeta faz desfilarem a galeria de protagonistas masculinos machadianos, todos estéreis, neles incluído Bentinho. Secchin deve ter considerado que não é uma tarefa fácil inventariar e partilhar talentos e dons artísticos de um gênio — e Machado era um gênio! Secchin elege o viés das relações pessoais, e nos apresenta os escolhidos e apadrinhados por Machado, a saber, Mário

de Alencar e Magalhães de Azeredo – nos dias de hoje, ilustres desconhecidos. Ele observa que Mário de Alencar, filho biológico de José de Alencar, outro gigante das nossas letras, não igualou o pai biológico nem o pai literário. Muito menos Magalhães conseguiu amealhar parte do espólio. Aí, também, foi infecundo o nosso bruxo.

O ensaísta percebe a escassa referência ao contexto social no qual se dá a produção das últimas obras de Machado, mas vê nela apenas uma consequência da impotência do autor diante da realidade, realidade que conduz, em última análise, a comportamentos como o de Custódio, em Esau e Jacó, que não sabe se continuará a produzir pães imperiais ou se passará a produzir pães republicanos. Machado, que outros tipos de pães produzia, à moda dele, se torna menos ácido, menos irônico, e opta por assistir a tudo de camarote.

Em Linguagem e loucura em “O alienista”, Secchin aborda com profundidade e muita perspicácia o eterno conflito entre a razão e a loucura, visto sob as lentes da relação linguagem/língua, transformada, no contexto social, mais num instrumento de dominação e manipulação do que num veículo de mera comunicação social. Em “Cantiga de esposais” e “Um homem célebre”: estudo comparativo, Secchin se vale desse cotejo para nos regalar com uma magna aula sobre a organização textual na obra de Machado, calcada na relação dialógica unívoca entre os temas e os protagonistas.

Fechando o primeiro eixo, Academia Brasileira de Letras: os anos heroicos, os prêmios literários, temos o retrato do viés administrador de Machado, e conhecemos as agruras pelas quais passou a Casa naqueles anos iniciais.

No eixo & Mais, o destaque fica para Língua portuguesa: uma travessia. Uma

delícia, trazer Caetano para esse palco, antes de descerrar provisoriamente as cortinas, até que a nova configuração familiar linguística se afirme, e que prevaleça definitivamente a poliafetividade também nesse campo. Em *Noite na taverna*: a transgressão romântica, a obra de Álvares de Azevedo é vista sob o ângulo específico da fascinação pelo mal. Na sequência, temos acesso à versão de Dilermando de Assis, que matou em legítima defesa Euclides da Cunha, autor de *Os sertões*. Ainda no mesmo eixo, Secchin ecoa a Semana de Arte Moderna de 22, faz um registro dos primeiros contatos de Graciliano Ramos com as Letras, nos traz uma significativa apreciação histórica e literária do cronista Rubem Braga, e termina por fazer uma generosa e merecida síntese da trajetória da ficcionista Edla van Steen.

Papéis de Prosa nos presenteia com três pérolas: o discurso de posse de Secchin na Academia Brasileira de Letras; seu Discurso de Emergência, por ocasião do recebimento do título de Professor Emérito da UFRJ; e o discurso de posse na Academia das Ciências de Lisboa. De lambujem, somos agraciados com três entrevistas concedidas pelo Acadêmico, na última das quais ele esbanja leveza e humor, ao tempo em que traz a público fatos inéditos de sua vida pública e privada. Dispensa comentários a Autobiografia desautorizada, com que ele fecha *Papéis de Prosa*.

Papéis de Prosa é resultado da perspicácia do intelectual, da agudeza do pesquisador e, mais que tudo, do compromisso com a verdade histórica empenhada na produção desta obra.

(*) Professor de Língua Portuguesa e Literatura, contista, romancista e poeta

Reviver

sônia helena

Reescrever o projeto,
reprojetar o desenho,
redesenhar o conceito,
reconceituar a ideia.
Repetir a mesma festa,
recomemorar o feito,
redeterminar o tempo,
redimensionar o espaço.
Reespacejar a pauta,
parafrasear o texto,
redigramar a lauda,
rejustificar a falta.
Retomar todo o caminho,

entornar todo o vinho,
repisar todo o trilho,
retrilhar toda a estrada.
Redistribuir as luzes,
reiluminar a praça,
refazer jardins, calçadas,
recalçar ruas e becos.
Recavar os velhos túneis,
escorar as velhas minas,
reestruturar os veios,
redescobrir as pepitas.

Relembrar os bons amigos,
recompor velhas cantigas,
recontar doces estórias,
reviver as emoções.
Reencontrar-se de novo,
reconhecer-se no outro,

revisar-se mais um pouco,
redefinir-se no todo.
Renovar-se por inteiro,
retirar-se, se preciso,
retocar-se onde devido,
recriar o ideal.
Renascer todos os dias,
repensar todas as coisas,
reinvestigar as causas,
rever-se de forma total.
Repor o tema da vida
na pauta redefinida
do canto armorial
onde dor, sorriso e lágrima
se harmonizam por igual.

(Do livro *Andanças no tempo*, 1996)

VERÍSSIMO DE PAI PARA FILHO

Ariovaldo Pereira de Souza

Luiz Fernando Veríssimo. O superlativo não está no nome. Afinal, por volta de 2004 já eram quase três milhões de exemplares vendidos nos últimos anos. Luiz Fernando Veríssimo é um fenômeno num país onde os livros têm tiragem média de tão reduzida. Isso sem contar o fato de já ter sido traduzido em dezenas de países. No entanto, aos 86 anos, o jornalista e escritor gaúcho está longe de se considerar um fenômeno. Em uma de suas crônicas, ele conta que passou a pedir lugar nas últimas filas do teatro para não ver o palco, o que significa que tampouco seria visto, preocupação típica de um homem tímido. E quem poderia imaginar que o autor de uma escrita dinâmica, irônica e, na ponta da língua, afinal das contas, seria quem criou o *Analista de Bagé*; quem assumiu a autoria *Das Mentiras que os Homens Contam* e quem organizou as *Comédias da Vida Privada* em livro, seria um tímido de carteirinha? E foi com esse jeito quieto que Luiz Fernando falou sobre a família e o ofício de escritor, jornalista, músico, desenhista...

Seu pai, Érico Veríssimo, era um escritor famoso. Isso talvez fizesse com que suas primeiras experiências literárias fossem precoces. Ainda garoto, com sua irmã e um primo faziam um jornal de cunho anarquista com todo o mundo, não livraria ninguém, nem o pai... O primeiro livro que leu de seu pai foi *Caminhos Cruzados*, que leu escondido, era considerado, como se dizia na época, um livro forte, com cenas de sexo e tal. Tinha, Veríssimo, 11/12 anos. Nessa época lia livros de aventuras, que eram para adultos; considerados fortes comparados aos que se publicam hoje. No entanto, mesmo os livros de sua primeira fase eram importantes em termos de técnica literária.

Depois, com o *Tempo e o Vento*, ele lia muito a respeito de teoria do romance, obra que ficou mais densa.

Muitos escritores frequentavam sua casa, não só brasileiros, mas também estrangeiros; uns se tornaram amigos de seu pai, como Jorge Amado. Fernando Veríssimo aprendeu a tocar sax nos Estados Unidos, quando tinha 16 anos. Na verdade, queria aprender trompete, porque era fã de Louis Armstrong, mas eles não tinham trompete para emprestar ao curso e acabou aprendendo a tocar sax; passou a tocar na banda Jazz 6, com participação especial como membro permanente. De todas as atividades a mais prazerosa era a música, dizia que escrever não lhe dava muito prazer, e desenhar quando lhe faltava assunto para textos. Perguntado quando passou a trabalhar como jornalista e quando se formou, dizia que não se formara em nada, ainda que tenha ficado 20 anos nos Estados Unidos, onde teve parte de sua educação. Quando voltou a Porto Alegre não quis estudar e começou a trabalhar na Editora Globo, no Departamento de Arte. Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1962, conheceu e se casou com a carioca Lucia, cidade onde nasceu a primeira filha, Fernanda. Voltando a Porto Alegre, passou a fazer uma experiência num jornal, o *Zero Hora*, como estagiário, ganhando, após, um espaço assinado. Foi aí que descobriu sua vocação; lançado, pois, por Moacyr Scliar. Seu lado humorista se manifestara desde a infância, mas nunca gostou de contar piadas, entretanto, afirma que seu grande humorista era Millôr Fernandes, grande pensador. Seu livro preferido é *O Analista de Bagé*, seu primeiro livro.

ESCRAVOS DO GANHOS

Mauro de Albuquerque Madeira

Os ganhadores da Bahia fizeram uma greve em 1857, talvez a primeira da classe trabalhadora do Brasil. Durante dez dias ninguém carregava cestos, malas, caixas, cadeirinhas de arruar, cocos para jogar no mar, paus e cordas para fretes pesados, enfim, todo tipo de transporte urbano de pesos, mercadorias, bagulhos, num tempo em que não havia taxis nem caminhões, mas tão só a força muscular dos escravos e alguns libertos e forros. Era a revolta contra uma postura da Assembleia Municipal de Salvador, que pretendia cobrar dos trabalhadores do ganho taxas e licenças para o serviço que vinham fazendo há muitos anos. A cidade parou, porque só os escravos trabalhavam, bem como alguns libertos, no transporte de tudo. Até para andar na rua os brancos se sentavam na cadeirinha de arruar, carregada por dois escravos. Naquele tempo não se fazia ginástica em academias, e caminhar na rua era deselegante. Talvez por isso as pessoas envelheciam depressa e viviam menos do que nós, hoje.

Muitos escravos urbanos trabalhavam nos fretes de rua, ou vendiam mercadorias, e uma boa parte do ganho era devolvida, diária ou semanalmente, aos seus senhores, que, com o lucro do ganho repartido, podiam comprar outros escravos, para também pôr a seu serviço. A exploração do trabalho humano era a coisa mais primária e aceita pela sociedade escravista. Por vezes um escravo tomava emprestado do senhor ou senhora uma quantia para comprar a alforria, e se submetia a contrato de prestação de serviço de ganho repartido, por anos e anos. Era um liberto, que continuava na prática escravo do seu credor. Se deixasse de pagar a fêria semanal, a polícia o prendia no Aljube. A repressão policial garantia os direitos de exploração laboral pelo seu senhor.

Na minha infância, na Bahia, ainda me lembro dos carregadores de mala, na estação de trem, na Calçada. Recebiam o ganho, e tinham o nome de ganhadores também. As malas eram pesadas e não dispunham de carrinhos ou rodas, como hoje. A humanidade demora a inventar coisas óbvias para minorar o trabalho humano, ou substituir escravos e proletários serviços por instrumentos e modos de vida que os tornem desnecessários. Hoje os automóveis e aplicativos de Uber ou 99 substituem escravos de ganho, com enorme vantagem.

Os cangueiros (carregadores de pau e corda), os ganhadores

de cesto e tina, os de cadeira de arruar, os aguadeiros, as ganhadoras com tabuleiros de quitutes e comidas eram negros e negras africanos (chamados pretos) ou crioulos (nascidos no Brasil), de nações nagôs, haussás, tapas, angolas, jejes, minas e várias outras.

Na década de 1850 e depois, havia um presidente da Província da Bahia, Francisco Gonçalves Martins, senhor de engenho e membro da elite local, que nutria rancor especial pelos escravos, libertos ou livres, nascidos na África. Os africanos eram perseguidos com posturas e decretos que lhes cobravam impostos e taxas extras e registros e controles mais rigorosos. O governador queria forçá-los a trabalhar no campo e não na cidade, ou até deportá-los para a África.

João José Reis, em *Ganhadores – A Greve Negra de 1857 na Bahia*, conta em detalhes a saga dos trabalhadores do ganho na Bahia do século XIX e antes. Eventualmente, um ganhador, escravo ou liberto mais bem sucedido financeiramente, adquiria um escravo para si próprio e o punha a trabalhar pelo ganho, a ser repartido com o seu senhor... A escravidão era legal e corriqueira, e até certos escravos e libertos se apossavam da instituição nefasta para lhe tirar algum proveito.

Na cidade era muito comum que pequenos senhores e senhoras brancos possuíssem um ou dois escravos, postos a trabalhar pelo ganho, que se tornava a renda e meio de vida do seu senhor. A polícia era o gendarme que garantia a renda do senhor, punindo com multa, açoites e prisão o escravo ganhador que faltasse semanalmente com o pagamento senhoril da parte do ganho.

Os visitantes estrangeiros é que deixaram narrativas das atividades urbanas do sistema escravista, das cadeirinhas de arruar aos cangueiros de pau e corda, que subiam e desciam as ladeiras da Cidade Baixa para a Cidade Alta, até as negras quitadeiras que vendiam todo tipo de quitutes, abará, acaçá, caruru, beijos, doces e guloseimas. Ao povo da terra isso tudo era corriqueiro e não merecia registro escrito. A greve de 1857, que parou a cidade por dez dias, mereceu o registro de historiador do século XX.

Em geral, o óbvio cotidiano passa despercebido do morador local, e barbaridades como a escravidão se tornam coisas naturalmente aceitas e digeridas. Por isso a humanidade progride tão devagar e aceita ser governada por usos, costumes, leis e autocratas longevos e cruéis.

ZUMBILÂNDIA

Flávio R. Kothe

O tirano tinha muito poder mas uma grande fraqueza: era vaidoso, queria ser reconhecido como escritor. Só que a natureza tinha sido cruel com ele: ao lado de vários dons, não tinha o dom da escrita. Ele não conseguia entender nem admitir isso: como alguém com tanto poder quanto ele não fosse capaz de alinhar um bom texto literário! Quanto mais poder tinha, menos conseguia admitir.

Sim, ele teve assessores que procuravam lhe ensinar os segredos de um bom texto, o problema é que isso não tinha uma receita. Qualquer receita que se aplicasse podia não dar certo. Ele fazia bons discursos, os melhores eram aqueles que *ghost-writers* haviam escrito. Sabia fazer despachos e minutas, mas em geral recebia tudo pronto, bastando assinar. Foi eleito para academias de letras a pretexto de bons discursos lidos, nelas era recebido com discursos laudatórios que exaltavam suas virtudes de líder máximo. Quanto mais era homenageado, mais se sabia que não merecia.

O espírito de Nero parecia ter se encarnado nele. Historiadores organizaram um debate em que se evidenciou que a imagem do imperador tocando lira enquanto Roma queimava havia sido *fake news* da Igreja, mas ninguém tinha uma gravação para provar que ele era bom músico, bom poeta. Ele se tornava a caricatura de Nero, cuja imagem já era caricata. Cidades antigas, de cabanas e casas construídas com madeira, queimavam com frequência.

Por que o tirano, sendo tão ladino, insistia em ser reconhecido e adulado como escritor, se não tinha o dom que lhe desse “sustança”? Por que não se conformava com suas limitações se tinha tanto poder a exercer? Ele queria ser imortal. Quanto mais poder tinha, tanto menos conseguia se conformar com não ter poder no que mais queria poder. Ter poder não era poder.

Entre seus *ghost-writers* havia bons autores, que se alegravam em não aparecer, sabendo que eram os autores das palavras que emanavam do poder. Eram textos oficiais, discursos, não textos criativos. Às vezes ocorria de ser enxertado no texto um trecho de algum poema, que depois era colocado em bronze na entrada de algum instituto de cultura, como se fosse obra do tirano. Os que entendiam, meneavam a cabeça e nada diziam. Era perigoso dizer algo próximo à verdade.

Em suas noites de insônia, o tirano tentava escrever contos, poemas, crônicas, até mesmo diálogos filosóficos. Quanto mais tentava, mais travado ficava. Ele tanto queria escrever um bom poema, conto, quem sabe uma crônica! Nada saía direito. Quanto mais se esforçava, mais evidente era o fracasso.

Os aduladores de plantão recolhiam folhas do lixo do palácio e exaltavam as obras lá encontradas (após bons retoques nelas). Os retoques eram tantos que mostravam como não havia sido feito um texto que prestasse, só que a primeira versão sumia no ar como fumaça. O tirano era ladino. Sabia que estavam mentindo.

Se não percebesse as mentiras que giravam ao seu redor como bandeirolas, não teria chegado, jamais, ao poder que detinha. Por mais que os bajuladores acreditassem no que diziam, a mentira acabava sendo mais terrível que a verdade. Virava um poço sem fundo. Claro, não há poço sem fundo, mas não perceber sequer o leve balanço da luz lá embaixo era como se não houvesse, embora fosse da natureza do poço ter fundo. Ao buscar o fundo, não conseguia ir ao fundo do poço para, de lá, ver estrelas durante o dia.

Se, dos discursos oficiais escritos por fantasmas, eram extraídos trechos para serem fundidos em placas metálicas, que eram descerradas na inauguração de prédios e pontes, cenas reproduzidas na mídia em horários nobres do noticiário nacional, passava a valer aquilo que tinha valor atribuído. No governo havia um órgão de imprensa e propaganda que comprava escritores para alardear projetos do governo e para não dizerem o que não lhe convinha. Lapidava-se e dilapidava-se assim a *intelligentsia*.

O tirano baixou um decreto que dizia:

– Art. 1º. Fica proibido o ensino dos clássicos da literatura universal e da filosofia, para que as mentes jovens não fiquem contaminadas por doutrinas estrangeiras.

– Art. 2º. Torna-se obrigatório o ensino dos autores nacionais indicados pelo governo nos termos das interpretações oficiais.

– Art. 3º. O Hino Nacional e textos do nosso líder máximo terão de ser decorados pelos alunos e recitados nos eventos festivos.

Professores que tentassem ensinar fora da pauta oficial eram demitidos de imediato e não conseguiam mais acesso a novos empregos nas escolas e faculdades. Havia uma “*venia docendi*” que não era apenas ter o diploma da especialização. Se por acaso ousassem propor textos para publicação, não recebiam o *imprimatur* das grandes editoras. Havia catedráticos que aconselhavam jovens inquietos a sossegarem o facho e se tornarem razoáveis. Muitos desistiram de continuar trilhando as veredas ingratas das letras. Quem podia passava a escrever receitas médicas ou pareceres jurídicos: era mais bem pago, ninguém se arrependia do caminho tomado.

Havia, no entanto, alguns que não conseguiam desistir de escrever, estavam sujeitos a uma compulsão interior como se sofressem de uma doença crônica. Para não serem torturados em noites de insônia por fantasmas que dançassem em torno do travesseiro, alguns se atreviam a escrever em cadernos secretos. Havia como que um tirano em cada um deles, a exigir obediência aos comandos. Não podiam publicar; se publicassem, ninguém tomaria conhecimento do que diziam. Enchiam cadernos e gavetas e baús, com medo de mostrar os escritos. Ninguém sabia quem se escondia atrás do rosto dos outros. Era como se todos usassem máscaras para não mostrar o que pensavam e sentiam. Na ditadura, a paranoia era uma forma de normalidade: ingênuo seria crer que não havia armadilhas por todos os lados.

Se algum obcecado insistisse em divulgar seus textos em vez de mantê-los escondidos, perdia o emprego, podia ser preso, torturado, exilado. Corriam histórias de que alguns presos seletos teriam sido sedados, postos em aviões e jogados no meio do mar ou da floresta. Em certas regiões, havia tubarões acostumados a receber dos céus o maná de carnes saborosas. Já faziam parte de sua dieta alimentar, como se um Jeová zelasse por eles.

Esse tipo de ação era, no entanto, uma opção extremada. O tirano sabia que isso podia tornar-se desgastante. Sua “bondade” era uma questão de cálculo, de avaliação da relação custo-benefício. Ele havia lido seu Maquiavel. Se fosse preciso usar a força do leão, usaria; se possível preferia, porém, ser matreiro feito raposa. Funcionava melhor o longo caminho pelas vias persuasórias.

Para evitar o perigo dos píncaros e dos abismos entre montanhas, convinha o percurso raso das estradas pavimentadas pelo uso. Nada de riscos, mergulhos nas loucuras dos gênios. Não se dizia que se queria evitar abismos sem fundo: reforçavam-se os elogios a autores menores como se fossem os maiores. Assim se repassavam em versos um envoltório que escondia o cerne férreo da tirania.

O que parecia capricho, vaidade pessoal do tirano, se diluía como se ele tivesse sido clonado e comungado milhares de vezes. Um jornalista já não queria mais escrever como jornalista e noticiar eventos: tinha a pretensão de ser escritor, dando palpites sobre o que não entendia, mas obedecendo a comandos superiores. Se fosse serviçal de uma mídia relevante, academias se apressavam a elegê-los para seus quadros e, assim que possível, conferiam-lhes a presidência. Ser escritor deixou de ser condição para fazer parte de uma academia de escritores.

Também não era preciso ser justo para trabalhar na Justiça. Aliás, só atrapalhava. Havia juristas que queriam se ornar com as

plumas da poesia para parecerem cultos, refinados. Achavam que versos permitiam dizer bobagens, rimadas ou não, conforme se fosse tradicional ou moderno. Havia médicos que, para passar o tempo nos plantões, relatavam casos que tinham acontecido nos consultórios e quartos de hospital: apenas se preocupavam em mudar os nomes próprios, para não se tornarem impróprios.

Em torno desses reflexos do astro-rei giravam satélites menores, a reproduzir por toda parte o mesmo esquema, que se tornou habitual, normal. Isso dava sentido às suas vidas. Pareciam brilhar, mas a luz que mostravam era apenas reflexo. Quem tivesse real luz própria, era obrigado a se esconder, ficava abafado: menosprezado, acabava achando que era tão ruim quanto o inimigo sugeria que ele fosse.

Era, portanto, um morto-vivo, não como um defunto que sai da tumba e se põe a zanzar pela noite, mas como um cadáver adiado que podia até procriar. Ser zumbi era bom: não se tinham as dores de quem está vivo. Podia crer que estava vivo, mas era apenas um morfético, um lazarento por todos evitado. Seu ser era não ser. Andava por aí, apagado, sem brilho. Ele se definia pelo não poder que o poder lhe impunha. Caía no vazio de si mesmo, seu dizer era não ter nada a dizer por não poder dizer. Podia-se dizer que nada se tinha a dizer: isso era permitido.

O tirano era um antropófago, devorava dons e talentos, consumia os gênios, destruía tudo o que fosse além da medianidade. Parecia democrático, pois a maioria era como ele. Todos se achavam melhores

do que eram. Quanto piores fossem, tanto melhores se consideravam. Devorava-se tudo o que sobressaísse. *La bête* governava.

O tirano não tinha filhos, mas um sobrinho bastante parecido com ele, filho da irmã, que era sua secretária pessoal. O menino costumava ir ao palácio depois da escola. Se a mãe ficasse ocupada até tarde, era posto a dormir na ala residencial. O pai tinha sido aliado do tirano e derrotado inimigos: foi nomeado interventor numa província próxima. Com o correr dos meses, pareceu ao gabinete de segurança que ele estava cada vez mais representando os interesses dos provincianos que os do tirano na província. Morreu de repente. O laudo médico atestou infarto. Não houve necropsia.

O menino passou a ter pesadelos tão fortes, que pareciam coisas reais. O que mais se repetia era que ao lado da cama estavam duas caixas grandes cheias de ratos, escuros e brilhosos, que passavam uns por cima dos outros e guinchavam. Quando ele queria escapar e abria a porta do quarto ao lado, via que o quarto estava tomado por imensas ratazanas. O menino acreditava que os bichos realmente estavam aí, com dentes afiados, olhos safados, apetite infundável.

Quando os gritos do menino acordaram o tirano, a mãe percebeu que o filho não mais poderia dormir no palácio. Foi posto num internato. Assim, os ratos desapareceram, as ratazanas nunca mais ninguém viu. O palácio ficou limpo. Não se podia permitir que a imaginação doentia inventasse o que não havia.

EMISSÁRIO DO RIDÍCULO

Diego Mendes Sousa

“Todas as cartas de amor são ridículas”

Fernando Pessoa

A poesia é a máxima expressão do ridículo
e o poeta é um ser
excêntrico e risível.

O ridículo torna-se íntimo das palavras
e o poema
é a peça orgânica
que viabiliza
o estranhamento da linguagem.

É no poema que o poeta expõe
as suas dores
e as suas mazelas,
a operar a desprezível história pessoal,

a revelar
a sua exótica humanidade.

A poesia é assim,
a insanidade a rir de si mesma.

Prefiro ser ridículo
a ter que perder as paredes testemunhais
dos meus sentimentos
e sofrimentos.

Reencontro a minha infância,
porque é na inocência
(ou ainda no amor ausente ou na urgência da paixão)
que reside toda alma
devota ao ridículo.

NO VERSO DO CASO II

Thais Pompêo

Em tempos de máscaras sombreando sorriso, portas trancando encontros e telas limitando abraços, Sandra Maria não se confina no breu e, apesar de começar por ele, vem trazendo luz intensa daquela que faz toda cor brilhar. Este Volume II de No Verso do caso vem com todos os seus matizes intensificados. O choro é mais triste, o riso é mais alto, o amor, mais profundo, a saudade, ai Meu Deus, esta veio com tudo. Mas a esperança também vem que vem, como água pura a lábios com sede.

Como no Volume I, Sandra Maria continua desafiando padrões formais ao entremear prosa e verso no mesmo texto. Ela segue, também, derrubando as fronteiras do idioma, escrevendo poesia e conto na língua inglesa, que lecionou por alguns anos.

E, assim, destrancando portas, Sandra Maria nos liberta e nos leva a uma viagem emocional de tirar o fôlego. Pelo poder desta chave mestra que é a imaginação, ela quebra as barreiras impostas aos nossos sorriso, passos e abraços e nos faz rir, tira nossos pés de casa e os faz

caminhar por tantos lugares, de chateau francês a jardim japonês, passando por fazendas de café e de pequi, nos deixando completamente apaixonados por seus personagens marcantes. Sim, a ponto de querermos abraçá-los!

Bem, pelo menos alguns deles.

E de cor em cor desmascaramos páginas, personagens e sentimentos. No verso de um conto surreal – quem disse que pedra não fala? – nos deparamos com um verso sensual – e por que não? Provocativa, atual e surpreendente, Sandra Maria expande os limites do amor, da saudade, da tristeza, da risada, da ecologia, da tolerância, do feminino e até mesmo da morte. Afinal, se você já leu o Volume I do livro No verso do caso, sabe bem que nem tudo é o que parece. As melhores descobertas vêm quando viramos a realidade para olhar o seu avesso ou, simplesmente, quando o giramos de ponta-cabeça.

POEMAS DE SANDRA MARIA

Mulher – água ar terra fogo

Seja deslizando
na casca do gelo fino
molhada na água

Seja se equilibrando
na corda tesa no alto
solta no ar

Seja atolando
na lama barrenta
presa na terra

Seja ardendo
nos vieses da chama
queimada no fogo

No desprezo ou no amor
na violência ou no afago
na solidão ou no apoio

Com a espada ou a flor
fortaleza
tua essência é Mulher!

Plásticos

Eu pensei que as florzinhas
murchas
no vaso da janela
da sala
estivessem mortas
não estavam

(É que eu não sei ler a vida
embaixo da terra)

Eu pensei que as estrelas
sumidas
no céu da janela
do quarto
estivessem mortas
Não estavam

(É que eu não sei ler o infinito
no claro do dia)

Eu pensei que os peixes
no rio
que passa embaixo da janela
da cozinha
estivessem vivos
Não estavam

(É que eu não sei ler a água
inundada de lixo).

OS ANOS DA NOSSA DESESPERANÇA

Gilmar Duarte Rocha

Não é outono, não é inverno, não é uma temporada apenas. A impressão que a gente tem, hoje, no limiar da terceira década, é que entramos numa espécie de Terceira Guerra Mundial na qual os humanos confrontam inimigos invisíveis, com forma de caroço de mamona, vistos sob o prisma de poderosos microscópicos, indivíduos unicelulares, sem corpo, sem alma, sem objetivo explícito — destruir apenas, como os seus congêneres, ou destruir e exterminar.

Falando em analogia à guerra, no início dos anos 1940, o primeiro-ministro da Inglaterra Neville Chamberlain, que promoveu inúmeros encontros com o chanceler da Alemanha nazista Adolf Hitler, tendo em vista um plano de paz concreto para a Europa que ainda sofria as sequelas da cruel Primeira Grande Guerra, iludiu a si próprio e aos seus compatriotas e aliados, vendendo a ideia de que o Führer era um homem determinado a apenas reaver os territórios que a Alemanha perdera nas infelizes cláusulas de rendição do Tratado de Versalhes.

De fato, Hitler, a grande bactéria de bigodes cômicos e burlescos, trabalhava na surdina; armava-se até os dentes e, pouco a pouco, ia recuperando os territórios da Alsácia-Lorena, os sudetos; e outras regiões limítrofes da Alemanha, que ele julgava pertencer de fato ao povo alemão.

Mas chegou o dia em que a raposa de origem austríaca invadiu sem pudor algum a nação livre da Polônia e Chamberlain e outros líderes ocidentais acordaram de queixo caído, ou viram que o pesadelo que eles tanto tateavam tornou-se realidade.

Resultado: Chamberlain, fraco e desacreditado, declara guerra à Alemanha, num ato chocho, que não convence nem a si mesmo quanto à capacidade de os britânicos e seus aliados enfrentarem aquele inimigo histriônico, armado até os dentes e mal intencionado. Dizia-se à boca pequena que

os aliados consideravam que Hitler iria se contentar em amealhar alguns territórios vizinhos; dar-se-ia por contente e que a guerra teria termo em um par de meses.

Felizmente todos os aliados tinham o pensamento pusilânime de Chamberlain e companhia. Quando a sombra da monstruosa suástica invadiu o céu da Europa ocidental, era a hora de homens pragmáticos como Winston Churchill assumirem a batuta e enfrentarem o grande problema de corpo e alma abertos. Eles estavam certos. À época, em 1940, não se sabia quanto tempo o pesadelo que se advinha iria durar. Aquilo que os crédulos previam durar meses, custou mais de cinco anos; ceifou quase cem milhões de vidas; destruiu milhares de cidades tradicionais; cidades e sítios milenares e históricos; praticamente exterminou uma raça inteira (os judeus); alterou radicalmente a geopolítica do mundo virando-o de pé a cabeça e, por muito pouco, não dividiu o planeta em pedacinhos.

A similitude da Segunda Guerra e da presumível Terceira Guerra acaba aqui. Hoje, no ano de 2021, acho que estamos ainda tateando e especulando o porvir. Em 1940, o inimigo era de carne e osso e tinha capacidade de reprodução limitada. Hoje, não. Não sabemos sequer 1/1000 do potencial do inimigo, de onde o microrganismo surgiu, como ele se formou, se foi algum erro de experimentação de algum desastrado laboratório de microbiologia e qual o real desígnio da nano criatura.

Então ficam algumas questões práticas para agora, abril de 2021: quem em sua consciência é capaz de despender as suas poupanças para participar de uma missão tripulada a Marte em 2023, com direito a levar passageiros indesejados e microscópicos em sua bagagem? Qual o empreendedor que irá comprometer o seu capital para construir complexos turísticos na Polinésia? Quem vai ser o armador que irá encomendar meia dúzia de transatlânticos para singrar os oceanos

recheados de turistas abonados? Quem bancará, hoje, um complexo turístico no estilo Disney em qualquer parte do mundo?

A realidade, nua e crua, é que vivemos no mundo do faz-de-conta e estamos nos balizando nas melhores hipóteses, no caminho feliz, nas boas práticas, que consistem tão somente na imunização completa da humanidade no prazo de um ano; contamos com o não surgimento de variantes de uma família de vírus mais agressiva (comparativamente, digamos que SARSCov2 atual é uma onça, mas se ele transmutar-se num leão? Ou num dragão?). Quais as consequências que uma mutação severa do vírus deve provocar? Um efeito cascata, espiralado, poderemos entrar num loop infinito? Em suma, a humanidade não tem respostas para isso nem Plano B.

Ok, tudo poderá voltar ao normal dentro do prazo que desejamos. Vamos seguir o curso natural, qual seja, tudo pode voltar ao normal (ou novo normal) em um ou dois anos. Entretanto se esse inverno monstruoso durar décadas? Quem sabe? Quem pode contradizer essa inferência nesse exato momento?

Fica a nossa resignação de que o homem sempre saiu de problemas crônicos desde o início dos tempos. A desesperança vai ceder lugar à esperança em algum ponto da curva.

Por exemplo, ontem fui dormir triste e angustiado, no entanto, acordei hoje, abri a janela e o sol estava radiante.

Aqui do terceiro andar do meu prédio, vi uma criancinha brincando no jardim do condomínio e ela tentava empurrar com os seus dedinhos uma joaninha rubro-negra para dentro de um pequeno frasco de vidro e isso encheu o meu coração de bons augúrios.

Como dizia o poeta: “fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita”. Que essa lógica perdure e prevaleça. Amém!

MINI CONTOS DE GLAUBER VIEIRA FERREIRA

NO DESERTO

O menino é a última criança daquele grupo de refugiados a cruzar o deserto. Ao longe, sobre uma duna, vê o oásis. Os adultos sabem se tratar de uma miragem. O menino, animado, segue adiante, sedento por água e sombra. Os adultos, resignados, param entristecidos, sem mais lágrimas .

O VENDEDOR DE COCO

Fiz um balanço de fim de ano e constatei: com as compras constantes de água de coco naquela barraquinha, gastei cerca de 500 reais. Alguns me criticavam: o que poderia fazer com esse valor se tivesse economizado um pouco com esse produto.

Dias depois o vendedor de coco me viu na rua e abordou-me, apenas para agradecer...

... pelos brinquedos que pode comprar aos filhos.

AS PATINHAS FEIAS DE TONI MORRISON

Vera Lúcia de Oliveira

Eram três meninas feias, pobres e pretas. Claudia, Frieda e Pecola. As duas primeiras eram irmãs. A outra, sozinha e desamparada. Essas meninas são personagens de *O olho mais azul* (SP: Companhia das Letras, 1993), romance impactante de Toni Morrison (1931-2019), nascida Chloe Ardelia Wofford, em Ohio, Estados Unidos, escritora premiada com o Nobel em 1993, há exatos trinta anos.

Assim como Virginia Woolf em *A viagem* e Clarice Lispector em *Perto do coração selvagem*, Toni Morrison também em seu primeiro romance, publicado em 1970, revela ao mundo todo o talento de ficcionista na escrita magnífica desse belo e doloroso livro em que a violência é mostrada em preto e branco.

Dividida em quatro estações, a narrativa vai do Outono ao Verão, num tempo elástico entre o passado e o presente dos personagens (na década de 1940), sejam homens, mulheres, crianças, em Michigan, Geórgia, Illinois e adjacências. Todos negros e pobres, discriminados, vivendo vida duríssima num país de brancos racistas e, quando não, exploradores do trabalho desses descendentes de escravizados, que traziam ainda o estigma do “defeito de cor”. Mas Toni Morrison não cai na cilada da história piegas e maniqueísta; vai muito além disso, o que escreve é uma reação “contra a nociva internalização de pressupostos de inferioridade imutável, originados de um olhar externo.” (p. 210), diz no Posfácio do livro. E mostra a cultura da violência sobretudo contra a mulher negra por marido negro e patrões brancos. São mulheres que só depois de terem carregado o mundo na cabeça, como o gigante Atlas, é que teriam um pouco de paz e sossego. Quando se tornavam quase invisíveis é que podiam andar “nas estradas do Mississipi, nas sendas da Geórgia, pelos campos do Alabama sem serem molestadas.” (p. 140). Cansadas suficientemente para aguardar a morte com prazer, com alegria pelo término do sofrimento, essas mulheres negras agora se sentiam livres. Trabalharam duro a vida inteira por um salário de fome em casas de brancos onde arrumavam, engomavam suas camisas brancas, limpavam bibelôs inúteis com perfeição e se consumiam como velas, exauridas pelo cansaço e perda da saúde; da vida, só conheceram o lado negro. Não pediram para nascer, para ter filhos, para ser espancadas por maridos bêbados, que o melhor que faziam era abandoná-las para criar os filhos sozinhas. (Maridos que na infância foram igualmente abandonados por pais igualmente bêbados ou presidiários). Elas, que na vida entraram pelas portas do fundo, recebiam ordens de todo mundo: “As mulheres brancas diziam “Faça isso”. As crianças diziam “Me dá aquilo”. Os homens brancos diziam “Venha cá”. Os homens negros diziam “Deita”. (p. 139).

Com enredo perfeito para um blues do Mississipi ou para a ópera Porgy and Bess,

de Gershwin, Toni Morrison guardou memória do tempo de menina quando ouviu de uma coleguinha que queria muito ter olhos azuis; e deu-lhe voz com a linguagem oral, expressiva e musical em *O olho mais azul*.

Mas, ainda assim, todos tinham sonhos. O da pequena Pecola era o mais difícil: queria ter olhos azuis. Com nome de personagem de filme que a mãe adorava, a menina brutalmente feia lembra, e muito, a órfã do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, em tudo maltratada, que ficara encantada com a boneca de porcelana de olhos azuis que conhecera um dia. Pecola rezava toda noite, fervorosamente e sem falta, pedindo a Deus olhos que talvez lhe permitissem ver a vida colorida como o azul do céu. Era mais que um fetiche, era, inconscientemente, o passaporte para a felicidade no mundo dos brancos.

A vida das meninas, segundo a narradora Claudia, era sempre o mesmo ramerrão:

Os sábados eram dias tristonhos, de reclamações e sabonete. Só perdiam em tormento para os domingos apertados, engomados, com gosto de pastilha para a garganta, cheios de nãos e de “senta, e senta direito”. (...) aqueles sábados pesavam sobre minha cabeça como um balde de carvão, e com mamãe reclamando, como agora, era como se alguém estivesse atirando pedras na minha cabeça.” (p. 29).

É com linguagem crua que descreve a pobreza e feiura da família de Pecola:

(...)Embora sua pobreza fosse tradicional e embrutecedora, não era exclusiva. Mas sua feiura era exclusiva. Ninguém teria conseguido convencê-los de que não eram implacável e agressivamente feios. (...) A gente olhava para eles e ficava se perguntando por que eram tão feios; olhava com atenção e não conseguia encontrar a fonte. Depois percebia que ela vinha da convicção, da convicção deles. Era como se algum misterioso patrão onisciente tivesse dado a cada um deles uma capa de feiura para usar e eles a tivessem aceitado sem fazer perguntas. O patrão dissera: “Vocês são feios”. (...) “Sim, disseram, “O senhor tem razão.” E tomaram a feiura nas mãos, cobriram-se com ela como se fosse um manto e saíram pelo mundo.” (pp. 42, 43).

Família que, em brigas violentas dos pais, fazia Pecola desejar sumir:

“Por favor, Deus”, sussurrou na palma da mão, “por favor, me faça desaparecer.” Fechou os olhos com força. Pequenas partes do seu corpo se apagaram. Ora lentamente, ora de chofre. Lentamente de novo. Sumiram os dedos, um por um. Depois os braços, até os cotovelos. Os pés agora. Sim, era bom aquilo. As pernas, de uma vez só. Acima das coxas era mais difícil. Ela precisava ficar completamente imóvel e fazer força. O estômago não ia. Mas, por fim, também desapareceu. Depois o peito, o pescoço. O rosto também, era difícil. Quase lá, quase. Só restavam os olhos, bem, bem apertados. Eram sempre os olhos que sobravam. (pp. 48, 49).

Sobravam os olhos porque eram simbolicamente a última esperança de salva-

ção, de tê-los azuis numa possível redenção do mudo hostil em que vivia, tanto em casa quanto na escola onde amargava a exclusão por sua feiura, que a fazia ignorada ou desprezada por professores e colegas, embora fossem também negros ou mestiços. Essa, aliás, é outra questão amplamente discutida no livro: o preconceito de cor dos mestiços em relação à própria origem negra numa ânsia de pertencimento ao mundo dos brancos. Em páginas críticas e cheias de ironia, vemos essa negação da origem nas garotas cor de açúcar mascavo que são dóceis, alisam os cabelos, “lavam-se com sabonete Lifebuoy cor de laranja, usam talco Cashmere Bouquet, limpam os dentes com sal num pedaço de pano, amaciam a pele com loção Jergens. Cheiram a madeira, jornal e baunilha.” (p. 85). E nessa limpeza (étnica), na lenta trajetória pela ascensão social, inclui-se a formação acadêmica:

Estudam em faculdades subvencionadas pelo governo federal, cursam a escola normal e aprendem a fazer o trabalho do branco com refinamento: economia doméstica para preparar a comida dele; pedagogia para ensinar crianças negras a obedecer; música para aliviar o cansaço do patrão e entreter-lhe a alma embotada. (...) (p. 86).

Assim, livres da “horrível catinga”, essas garotas cor de café com leite, pardas domesticadas, estavam prontas para casar, para exercer o papel de exímias donas de casa, obedecendo ao marido que, na verdade, jamais saberia do verdadeiro sentimento de asco, oculto no mais recôndito de seus segredos. Asco pelo sexo, pelo domínio do macho, pela repressão sofrida toda uma vida para se ter um lugar ao sol. Uma vida em segredo. Segredo que faz parte da vida das mulheres negras e que a autora, ao escrever o livro, quis “precisamente isto: expor publicamente uma confidência privada.” (p. 212).

E não poderiam faltar cenas de violência física e psicológica contra homens, mulheres e crianças, que, inspiradas no cotidiano dos negros, chocam mas soam como um grito de socorro e levam à reflexão o leitor contente de si. Não por outro motivo, esse livro belíssimo foi o quarto mais proibido entre 2021 e 2022 nos Estados Unidos, nesses nossos tempos de obscurantismo, fanatismo religioso, intolerância e “cancelamento”. Não muito diferente do que ocorre em nosso país, como vimos agora o excelente romance do compatriota Marçal Aquino, *Eu ouviria as piores mentiras de seus lindos lábios*, (2005) ser retirado da lista de leituras para o vestibular de uma faculdade em Goiás. Um retrocesso sem precedentes, ou melhor, com precedentes nas ditaduras, militar e do Estado Novo de Vargas. Pena que a não-leitura não elimine a brutalidade da vida nem a estupidez dos fiscais da falsa moralidade. Com a palavra, Oscar Wilde: “Não existem livros morais ou imorais. Os livros são bem ou mal escritos”. E esses são bem escritos.

O BRINCO

J. Philippe Bucher

Foi só ela falar. Tinha um ano que eu não usava brinco. Ela disse no telefone. “Meu filho vc agora tá dando aula à noite e trabalhando numa redação de dia, precisa se vestir melhor tomar outra atitude de vida e parar com esse negócio de brinco”. Que eu realmente preciso comprar roupa é mesmo verdade. Mas, pra que ela instigou parar de usar brinco? Lá fui eu no dia seguinte com um pra repartição. Pronto. O velho redator não gostou. Sei lá, andropauso talvez. Entende. Ficou de cara emburrada por dois dias. Quase pensei em desistir do estágio. Foi um horror. Por falar em dois, ainda faltam dois anos. Ficar de cara emburrada por causa de um brinco? Que país é este? E meu lado de artista? Quando eu nasci qual foi a surpresa dos médicos quando eu já estava de brinco. Não é moda, é tendência mundial intergaláctica. Uma vez na escola o diretor resolveu proibir quem usasse brinco. Os homens é lógico. No dia seguinte metade dos rapazes estava de brinco. Quem não tinha procurou furar. Quem estava sem colocou. Queriam ver ele impedir o galo de cantar, e como cantarolou. Perseguiu a gente quando a gente quis abrir um grêmio. Pudera. Nossa chapa se chamava Liga Social Democrática, mas esquecemos e pusemos só o acrônimo. Mas também que ideia, a minha. Coisa de menino, pra atazanar mesmo. O diretor

era mais falso que uma pérola de plástico, não valia o que o gato enterra. Fiquei sabendo outro dia que faleceu tem alguns anos. Coitado. Que Deus o tenha. Não sei, a gente acha tão charmoso usar brinco, eu gosto. Elas também. Esportistas, artistas, jovens, mafiosos, piratas, intelectuais, todos usam brinco, por que não? Será que ele é? É o quê? Irreverente, só se for. Foram os piratas que começaram com esse negócio de só usar do lado esquerdo. Talvez por causa da espingarda, se o pirata usasse um brinco do lado direito, cada vez que o martelo da espingarda batia no cartucho, era um auê de pedaço de orelha voando com pena de pagão. Brinco voando com pedaço de orelha pra todos os lados. Aí eles começaram a usar do lado esquerdo que era pra não atrapalhar e num cair orelha de pirata na panela. Sei não, só sei que foi assim. Mas os adultos sempre precisam pegar no pé de alguma coisa. Se não é por causa de um brinco é por causa de cigarro. Se não é por causa do cigarro é por causa do brinco. Brinco pelo menos menos mal. O pior é que o velho redator olhava para mim, e eu já sabendo que ele ia ver, era um tal de virar o rosto para o outro lado. Não sabia qual seria a reação. Apenas previa fortemente, entre rezas mentais. Aí me chamou do lado esquerdo. Meu Deus e agora? Pensei com Deus e meus botões. Estava tudo indo muito bem. Discutíamos sobre um artigo que ia sair daqui a al-

gumas semanas. Dava para ver que ele estava animado. De repente, não mais que de repente, os céus ficaram escuros, a brisa virou, não espuma, mas tempestade. As rugas, franzidas, começaram a cair. A cabeça se ergueu um pouco mais. A boca ficou seca. Os olhos, esses nem bom falar. O tom de voz, suave, baixou. Mas sempre com aquele sotaque em espanhol forte. Franzino pensamento. Um estagiário usando brinco? Pensei que ia morrer. Estava sendo crucificado, macerado e liofilizado. ‘Do pó viestes e ao pó retornarás’, pó de mim, pobre de mim. “Ele está meio zangado?” “Não, é o jeito dele mesmo”. Menos mal. Menos mal nada. De noite tirei o brinco. Droga, vou ter que comprar um automático. Desses que sai sabendo a hora, tira sozinho. Igual aquelas roupas que de tanto a gente usar elas já vão sozinhas para o armário. Ou aqueles carros que consomem muita gasolina e quando passam na frente de um posto tem seta automática. Brinco automático. Gostei da invenção. Igual a gente suprimir nosso lado artista pra assumir o lado cientista. ‘Agora está na hora de vc ser artista’. ‘Agora está na sua vez como cientista’. E assim vai o dia inteiro. Hora de um, hora do outro. Não dá para ser os dois? Os famosos puristas. É assim e pronto. O tempo acabou de novo. Todo fim de crônica o tempo sempre acaba. Até a próxima.

QUEM CRIOU DEUS?

Jolimar Corrêa Pinto

Eu – uma partícula do Universo –
contemplando o espetáculo mágico,
indago-me sobre a natureza do Criador.
E diante da beleza e amplidão das criaturas
que habitam o firmamento,
dessa composição extraordinária de esferas em
movimento,
dessa diversidade estonteante de gazes em
combustão,
desse permanente nascimento de novos seres
cósmicos,
dessas transformações inexplicáveis
movidas por agentes químicos poderosos,
esses zilhões de estrelas, planetas...
e o concerto infalível na convivência,
dessa complexidade que forma a criatura humana
dessa diversidade que vai do unicelular ao macro,
cada qual lutando pela sobrevivência e
procriando,
como personificar um criador
se na nossa lei “nada se cria, nada se perde e tudo

se transforma”?

São perguntas sem respostas aceitáveis,
tantos os frutos da especulação,
das teses e antíteses sem sínteses.
A condição humana não tem respostas,
as questões da Gênese desafiam...

E os crentes dizem “amém”.

Mas não me furto de indagar: “Quem criou Deus?”

E aí tenho consciência da nossa pequenez.
(Os doutores das escrituras sagradas afirmam,
irresponsavelmente,
sobre a natureza do Criador:
Deus é incriado!).

Melhor reconhecer nossa indigência espiritual.

AFONSO ARINOS E O BURITI

Danilo Gomes

Como outros treze colegas, tive a oportunidade de participar do II Encontro de Escritores em Arinos, coordenado pelo poeta e prosador Napoleão Valadares, autor de vários livros, entre eles *História de Arinos*.

O dia 19 de maio foi fecundo e fez da cidade de Arinos (MG) um tempo de amor à literatura. O evento literário contou com o apoio do prefeito Marcílio Almeida. Auditório lotado, numerosos estudantes e professores. Tivemos a presença do escritor Fabio de Sousa Coutinho, presidente da Associação Nacional de Escritores — ANE e da Academia Brasiliense de Letras. Além deste amanuense, foram palestrantes os escritores Edmilson Caminha, Marcelo Perrone Campos e Xiko Mendes. Coube-me falar sobre “Afonso Arinos e o sertão”.

O nome de Arinos figura na geografia de Minas Gerais desde 30 de dezembro de 1962. O escritor que dá nome à cidade é uma das figuras mais importantes da literatura brasileira. Sua obra foi estudada e aplaudida por grandes críticos literários e historiadores da literatura, como José Veríssimo, Afrânio Coutinho, J. Galante de Sousa, Lúcia Miguel Pereira, Mário de Alencar (filho de José de Alencar), Assis Brasil, Alceu Amoroso Lima, Bernardo Élis e outros.

Nascido em Paracatu (MG), em 1º de maio de 1868, Afonso Arinos de Melo Franco morou com os pais em Pirenópolis, estudou em São João del Rei e em Goiás Velho (então Villa Boa de Goyaz). Formou-se em Direito em São Paulo, onde se casou com Antonieta Prado.

Desde moço, colaborou na imprensa de Minas, Rio e São Paulo. Fez sua primeira viagem à Europa em 1896. Morou na Paris da ‘belle-époque’ de Marcel Proust. Vinha sempre ao Brasil, em busca do seu amado sertão natal. Deu aulas em Ouro Preto. Era um homem muito culto, de educação refinada, com uma legião de amigos.

Em 1898 suas histórias sertanejas são publicadas no seu livro mais famoso, *Pelo sertão*. Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa escreveram, na sua *Enciclopédia de Literatura Brasileira*:

“Na busca da temática brasileira, ao lado dos ciclos do indianismo, do sertanismo, do caboclisto, do cangaço, Afonso Arinos introduziu na ficção o ambiente inóspito e selvático do planalto central. Sua técnica foi a do Realismo, caracterizando-se pela fidelidade e verossimilhança, sem qualquer tendência a estilizar e a fantasiar. Homens, costumes, paisagens do sertão são retratados fotograficamente, com muita segurança e num estilo próprio, destacando-se ainda a reprodução da fala coloquial típica. (...) Em sua obra, é o próprio sertão, é a própria alma sertaneja que se retratam, com a psicologia típica do homem local.”

Mais adiante, prosseguem os autores: “Seu regionalismo é fruto de profunda vivência, acumulada na sua alma desde a infância, num contato com o meio, as matas, as serras, a paisagem, o homem, os costumes. Apesar das viagens, Afonso Arinos manteve as raízes presas ao meio sertanejo nativo e soube ajustar as figuras humanas e as forças naturais. E assim, graças a essa base telúrica, à miragem de todo grande criador, alçou-se com sua obra de contista ao primeiro plano na literatura nacional.”

Além de *Pelo Sertão*, Afonso Arinos publicou os livros *Notas do dia*, *O contratador de diamantes*, *A unidade da pátria*, *Lendas e tradições brasileiras*, *O mestre de campo*, *Histórias e paisagens*. Resultou inacabado o livro *Ouro! Ouro!*

Homem afável, um cavalheiro leal e impecável, tinha Afonso Arinos, na legião de seus amigos, o poeta e cronista Olavo Bilac. Conviveram em tertúlias de camaradagem no Rio de Janeiro. Durante a ditadura de Floriano Peixoto, Bilac teve que deixar seu Rio para escapar da prisão (como tantos outros). Foi parar em Ouro Preto. A história é contada no livro *Crônicas e novelas-1893-1894*, publicado pela Editora Liberdade, de Ouro Preto, dirigida pelos professores universitários e escritores M. Francelina Silami Ibrahim Drummond e Arnaldo Fortes Drummond. Esse livro conta com primoroso aparato editorial para as saborosas crônicas e novelas de Olavo Bilac. Quando Afonso Arinos entrou para a Academia Brasileira de Letras, em 1901, quem o recebeu foi Olavo Bilac.

A página mais famosa de Afonso Arinos intitula-se “Buriti perdido”, que releio com frequência. É um antológico conto, com cara de crônica. O buriti perdido, aquela velha palmeira solitária; uns dizem que situada em Paracatu; outros, como Bernardo Élis, que situada em Corumbá de Goiás.

Afonso Arinos escreveu que esse buriti perdido, “cantor mudo da natureza virgem dos sertões”, estaria, um dia, numa “larga praça”. Palavras proféticas, premonitórias, de um brasileiro que viveria apenas 48 anos. Com efeito, hoje temos na nossa querida Brasília, fundada pelo diamantinense Juscelino Kubitschek de Oliveira, uma Praça do Buriti, onde se situa o Palácio do Buriti, sede do Governo do Distrito Federal.

O amigo escritor Silvestre Gorgulho me conta a história do plantio da palmeira na Praça do Buriti. Silvestre Gorgulho foi secretário de Comunicação do governador José Aparecido de Oliveira, que cuidou do tombamento da emblemática “palmeira solitária” no jardim externo do Palácio do Buriti. Foi no dia 30 de maio de 1985, presente à cerimônia o sobrinho de Afonso Arinos, o também escritor e político Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho, membro da Academia Brasileira de Letras. Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho foi também membro da Academia Mineira de Letras, na época do presidente Vivaldi Moreira, pai do escritor Pedro Rogério Moreira.

Assim, aquele buriti que uniu e vinculou mais ainda o sertão à nova capital do Brasil foi, graças a José Aparecido de Oliveira, tombado pelo IPHAN. Estava realizada, em pleno Eixo Monumental de Brasília, a intuição profética e poética de Afonso Arinos. O imponente buriti perdido se encontrou, lá na Praça do Buriti, com sua sóbria e singela beleza. A encantadora página de Afonso Arinos é reescrita ao vivo e a cores para o olhar atento de brasilienses e turistas. Um simbolismo capital para nossa Brasília, coração do Sertão.



MARIA CLÁUDIA GOMES DA SILVA

★ 9/7/1968 † 26/7/2023

(...) Cláudia foi um ser de altas virtudes humanas, e isso será sempre lembrado por quantos tiveram o privilégio de seu convívio.

Fabio de Sousa Coutinho

Presidente da ANE

CAÇA ÀS BRUXAS DO SÉCULO XXI

Karoline Fernanda Marques

Desde que me entendo por gente (o que talvez não tenha tanto tempo assim) eu sempre ouvi que eu devia aprender a ser o que todos esperam de mim, me portar como uma “moça de família”, e eu sempre me perguntava: O que seria uma moça de família? Quando os anos iam passando, e a adolescência chegando, as cobranças iam ganhando esferas mais rígidas, frases como “vai ficar para titia hein”, “desse jeito não vai arrumar um marido” e coisas do gênero, se tornaram cada vez mais frequentes, e então, a concepção que eu sempre tive se confirmava: Mulheres não passam de seres criados pela sociedade a fim de se enquadrarem no padrão perfeito. Não é muito difícil de imaginar qual seria esse padrão, cada vez que meus anseios profissionais passam à frente dos pessoais, olhares esbugalhados seguidos de indagações do tipo “Vai morrer sozinha!”, “Já está velha para casar!”.

A realidade é, que com a modernidade do novo século assuntos relacionados a profissão da mulher estão cada vez mais evidentes, muito se vê sobre a importância da mulher no mercado de trabalho e afins, mas o que não se fala é que ninguém aceita que se fuja do tradicional estereótipo da mulher perfeita, ou seja, trabalhar tudo bem, desde que não se deixe de lado a maternidade, a casa, a companheira impecável ao cônjuge, pois mulheres solteiras não são exemplos de sucesso na vida, e principalmente o que se julga por feminilidade, quantas vezes uma mulher já foi julgada menos mulher por não ser considerada visivelmente feminina?! E que mulher nunca se sentiu inferiorizada e anulada por “competir” com um homem? O crescimento profissional de uma mulher não é aceito se for maior que o de um homem, o crescimento profissional é claro, pois em relação a educação dos filhos (estes, que quando não desejamos ter somos ainda mais julgadas, afinal, nascemos com um “instinto maternal”), trabalhos domésticos e sexualidade, aí sim as mulheres podem ser dominadoras, quem nunca cresceu ouvindo que deveria aprender a cozinhar para o marido não passar fome. E então eu indago, quem é autossuficiente para julgar a escolha de vida de outra pessoa? Quem ditou a regra de que o empoderamento da mulher não deve ultrapassar a barreira que atinge a masculinidade de muitos por aí?

Nós mulheres somos pós graduadas na escola de inferioridade e criação perfeita, somos ensinadas que o assédio que vivemos quase diariamente, deriva de uma roupa considerada curta demais, de um olhar permissivo que por muitas vezes nem existiu, porque eles, estão agindo apenas dentro do clássico instinto masculino, instinto esse que dá o direito de traír e assediar apenas por ser detentor do sexo “superior”, por mais absurda que seja, este, é defendido também por muitas mulheres que acreditam na inferioridade ou no sexo “frágil”. Somos ensinadas a nos portar “adequadamente” para não sofrer assédio e/ou abuso, mas jamais ensinamos eles a terem um pingão de respeito conosco.

E então entra o feminismo, nós seres consideradas do sexo frágil, infelizmente necessitamos de “armas” para nos proteger e resguardar, lutamos para viver em um mundo onde

o sexo em que nascemos diverge diretamente na maneira em que vivemos, e temos nossos direitos e deveres. A liberdade que temos de escolher em apoiar ou não esse movimento deriva de uma luta sangrenta de anos.

Sempre que chega o dia 8 de março, mundialmente conhecido como Dia Internacional da Mulher, perguntas como “por que as mulheres têm um dia específico e os homens não?”, ou sempre que é discutida a importância da Lei 11.340 — Lei Maria da Penha, em que as indagações são substituídas por “mulher também agride homem, então deveria existir uma lei João da Penha já que a proteção deve ser igualada”, a proteção deve ser igualada quando as necessidades forem igualadas, os números de crimes de feminicídio são alarmantes e preocupantes, uma vez que unidos a isso, tem a frase tipicamente brasileira “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, frase essa que tem o intuito de encobrir as agressões contra mulheres que: de acordo com a sociedade, falharam enquanto esposas, indo mais uma vez de frente a escola de preparação que fazemos durante a vida para sermos o que esperam de nós, e não o que de fato queremos.

E então me pego pensando, que por muitas vezes, nem nós mesmas sabemos o que queremos da vida, pois as imposições são superiores a quaisquer vontades.

Juntamente com a cobrança diária de perfeição, temos instrumentos que atuam contra mulheres reais, e a favor de uma sociedade machista e misógina. Quando somos crianças, ganhamos presentes perfeitos para um futuro perfeito: cozinhas, ferro de passar roupa, rodo e vassoura, e Barbies. Como uma colecionadora assídua das bonecas mais famosas do mundo, e uma agora não mais criança que teve todos os brinquedos elencados, preciso dizer que não vejo nenhum problema, desde que estes brinquedos não estejam classificados como brinquedos de menina, e apenas como brinquedos, pois essa mesma pessoa que vos fala também teve carrinhos Hot Wheels, dinossauros e brinquedos sensacionais tagueados como brinquedos de menino, afinal, não existe diferença, são apenas brinquedos, o problema de separar por categorias, é criar desde cedo uma barreira funcional cuja vitalidade perdura por toda a vida, e então sem dar a opção de escolha para que cada criança decida com qual brinquedo prefere passar aquele dia.

Passada a fase infante, surge a juvenil, e junto com ela, as ferramentas cruciais para transformar todas as adolescentes em cópias exatas uma das outras. São inúmeras imposições disfarçadas de tendências, e uma rivalidade cravada desde o começo, somos ensinadas que podemos traír nossas amigas se tivermos objetivos em comum. É nessa fase também, que surgem as primeiras vontades de corrigir erros que acreditamos que temos.

Finalmente a fase adulta e então chega o momento de fazer diversas intervenções cirúrgicas e/ou estéticas, vale frisar que eu não vejo nenhum problema em mudar algo que te desagrade, acredito que até que almejo algumas no futuro, porém vejo um grave problema quando essa mudança é para se encaixar em algo imposto,

todas temos o direito de mudar algo que nos desagrade, mas não com a finalidade de corrigir um defeito, quando a perspectiva de mulher perfeita cair, e a de mulher real se sobressair, enfim acordaremos para a realidade e não para o conto de fadas que nos é imposto desde cedo, nada contra as princesas até gosto inclusive, mas a vida vai bem além de uma garota perfeita, com uma coroa na cabeça, vestido exuberante a procura de um príncipe, nós vamos além de alguém que só poderá ser completa e feliz com alguém ao lado, somos livres para fazer escolhas e principalmente, para sermos equivalente a alguém que podemos ou não ter do lado, diferente da atual situação, em que somos vistas como meros acessórios ou troféus.

Juntamente com a pressão da busca pela estética perfeita, temos ainda que corresponder sexualmente com o que esperam de nós. Em uma sociedade que consome e apoia a pornografia, nós mulheres somos diariamente exigidas para que sobrepujamos as expectativas postas por vídeos falsificados e muitas vezes forçados, que desrespeitam inclusive, as mulheres que os fazem. Somos criadas para esperar um príncipe encantado, enquanto eles são criados para esperar uma atriz pornô capaz de fazer todas as estripulias sexuais desejadas, elas devem oferecer, mas raramente obtém o mesmo em troca.

Eu até poderia escrever esse texto em terceira pessoa, mas seria uma inverdade com o que eu de fato vivo, o texto e todas as experiências e opiniões são em primeira pessoa, lembro como se fosse ontem o dia que eu percebi que as primeiras estrias surgiram no meu corpo, minha reação imediata foi pesquisar maneiras de solucionar o meu “problema”, meus anos testando os alisamentos mais eficazes porque me falaram que era o certo a fazer também deixam marcas até hoje, quanto tempo eu perdi em tardes intermináveis no salão ao invés de curtindo a vida, se fosse por vontade própria eu até me gostaria, mas era para me enquadrar no padrão das bonecas que eu tinha. Quando eu decidi abandonar as químicas então, o descontentamento dos ditadores de padrão, me traziam para a sensação de um crime cometido.

Diferente de muitas meninas que sofriam imposição por parte de suas mães, eu sempre tenho uma mãe disposta a me mostrar o quão linda eu sou, mas principalmente nas fases anteriores, era uma pessoa contra uma sociedade inteira que encontra erros em mulheres comuns.

Caso você tenha curiosidade, pesquise as variedades de intervenções possíveis, é assustador como todos os detalhes do corpo da mulher são vistos como um problema a ser corrigido e refeito.

Mulheres são seres livres para ter o controle da própria vida, mas quando isso acontece, acostume-se com comentários negativos e descrentes, mulheres que se libertam das garras da classe majoritária são equalizadas à bruxas, igual o episódio histórico de Caça às Bruxas que se iniciou no século XV, que resumidamente foi um episódio que perdurou por séculos e era uma perseguição à mulheres que aparentemente possuíam poderes sobrenaturais, eram mulheres que feriam as expectativas sociais, políticas e/ou religiosas, então muito prazer, bruxa!